

A DISCIPLINA E A INDISCIPLINA NO AMBIENTE ESCOLAR SOB O PONTO DE VISTA DOS PROFESSORES DE TAQUARANA E DOS PESQUISADORES

Tavares de Souza da SILVA¹
Natércia de Andrade LOPES NETA²

Resumo

Nos últimos anos, dar aulas tem se tornado um exercício de paciência devido aos conflitos entre professores e alunos. Tal como pai, a mãe e toda a família, o professor já não sabe como lidar com a indisciplina, a arrogância o desrespeito, a falta de vontade de aprender, a desatenção e a falta de objetivos dos jovens. Associado a isso, especialmente, a sala de aula tem virado o palco da conversa desordenada e do barulho excessivo capaz de estressar rapidamente cada um dos que por ali passam. Aparentemente o que todos parecem esperar é que a família se reestruture. Esta, por sua vez, parece seguir os rumos de uma sociedade cada vez mais oprimida, plural e desestruturada. E, assim, a escola, responsável por garantir uma melhor qualidade de vida a estas pessoas, tem atuado como o mais perfeito reflexo dessa sociedade caótica e desorganizada. Este trabalho procura estabelecer algumas reflexões críticas a respeito desses preceitos.

Palavras-chave: Relação professor-aluno; família; disciplina; indisciplina.

Introdução

*Pode ser:
- O melhor professor
- Na melhor escola
- Com o melhor material de estudo...
Mas se não houver vontade própria do aluno,
Não terá o melhor resultado!*

¹ Graduando em Matemática (Licenciatura) pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL.
Email: tavares.ead@hotmail.com

² Mestre em Educação Matemática e Tecnológica – UFPE. Especialista em Gestão Escolar e graduada em Matemática (Licenciatura) – UFAL. Professora da rede pública municipal de Maceió – SEMED Maceió. Email: natercia.lobes@ufpe.br

O interesse por este tema surgiu mediante minha participação voluntariamente no programa Mais Educação numa Escola Municipal de Educação Básica (EMEB) de Taquarana, agreste Alagoano, o que me possibilitou contato direto com alunos, professores, administração e funcionários da escola no decorrer do ano, estando presente de segunda-feira a sexta-feira das 13 h às 17 h.

Ao me deparar com algumas situações dentro da EMEB, comecei a me questionar sobre a educação básica e seus aspectos gerais, o que poderia ser feito para ajudar a combater a indisciplina que encontramos, não só nesta escola, mas sim em todo o país.

De acordo com a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), uma pesquisa realizada em 33 países e amplamente divulgada por Góis (2015) revelou que, no Brasil, um professor gasta em média 20% do tempo em sala de aula para disciplinar os alunos, sendo a média internacional de 13%. Nessa pesquisa, a OCDE afirma que o Brasil é o país onde alunos lideram o ranking de indisciplina na sala de aula.

Tratar de alunos dentro do ambiente escolar tem se tornado cada vez mais difícil e complexo. Os alunos têm descumprido suas funções e isso tem acarretado sérios prejuízos não só para eles, mas para todos os profissionais da escola. A indisciplina tem tomado espaço no cotidiano dos jovens, o que acaba deixando os professores de mãos atadas, sem saber o que fazer. São inúmeras as situações analisadas através desta pesquisa, dentre elas, o desrespeito do aluno com o professor, e o autoritarismo que muitos alunos acabam por exercer na sala de aula, o que vamos discutir breve.

A falta do envolvimento dos pais tem desabilitado bastante o desempenho dos jovens que não seguem um padrão de regras na escola, e, conseqüentemente, não buscam se envolver nem analisar seus atos; é fato “fazer o que achar que deve ser feito”, e pronto. Esse é um problema que deve ser resolvido, pois o acompanhamento dos pais é essencial para um melhor desempenho dos filhos.

Em um estudo feito pelo “Terceiro Estudo Regional Comparativo e Explicativo (TERCE), lançado pelo Escritório Regional de Educação da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO, 2015) para a América Latina e o Caribe, afirma-se que o desempenho dos estudantes melhora quando os pais acompanham os resultados obtidos na escola, apoiam e chamam atenção dos filhos.

Imersos na problemática sobre a indisciplina dos alunos dentro das escolas que causa o desrespeito aos atores do processo educativo, procuramos, neste relato, comparar o que dizem os professores e pesquisadores sobre a (in)disciplina escolar e seus prejuízos para a educação.

Nesse sentido, buscamos compreender esse cotidiano de relações interpessoais vividas pelos atores do processo educativo, junto a um embasamento teórico de Julio Groppa Aquino, Silvia Parrat-Dayán e Joe Garcia.

Uma incursão na rotina da escola

Certamente, você já deve ter ouvido alguém dizer que a “Educação muda um país”. Como autor da prática educativa, também acredito nisso. No entanto, é fácil notar cada vez mais professores dizerem que têm perdido a fé na educação, surgindo assim um primeiro questionamento: por que será que encontramos professores frustrados como nunca antes houve?

Na mesma vertente, diretores e funcionários administrativos têm criticado cada vez mais alguns desses profissionais por serem negligentes com a aprendizagem do aluno, atuando muito mais em prol do bem particular do que em benefício dos estudantes.

Não há como esconder que a classe docente tem sofrido com o desprestígio e, assim, muita gente acaba atribuindo a isso o pouco caso que muitos professores têm feito da sua função, não dando a ela a devida importância, e isso termina por ocasionar em um trabalho inadequado na sala de aula. Em muitos casos, ainda, registra-se o excesso de carga horária que

professores possuem para ter uma melhoria salarial, muito embora, na medida em que eles buscam melhorar seus rendimentos financeiros, diminui-se o tempo para planejar, de maneira tal que esses docentes podem deixar de melhorar a qualidade de suas aulas.

Outro ponto importante que deve ser ressaltado com grande atenção é o fato de que as salas de aulas estão totalmente cheias de alunos. É fácil perceber, nesse contexto, que isso não funciona no ensino básico.

Seria correto seguir rigorosamente o que a Conferência Nacional de Educação (CONAE, 2010) determina para o número máximo de alunos por professor, a saber: 15 alunos por sala para a Educação Infantil, 20 para o Ensino Fundamental, e 25 para o Ensino Médio. Isso não tem sido aplicado nas escolas, pois existem problemas que impedem o que a CONAE determina, dentre os quais podemos citar a falta de estrutura de muitas escolas, e também a deliberação de que a CONAE não tem força de Lei para obrigar as escolas a cumprir suas exigências.

O que existe hoje são Leis Estaduais que fazem esse limite. Em Alagoas, temos a Resolução nº. 08/2007 e a Resolução nº. 55/2002 do Conselho Estadual de Educação, que estipula de 20 a 25 alunos para o 1º e 2º anos do Ensino Fundamental, de 25 a 30 alunos para o 3º e 4º anos, de 25 a 40 alunos para o 5º e 6º anos, de 25 a 45 alunos para o 7º, 8º e 9ºs anos, e de 35 a 50 alunos para o Ensino Médio. Mas, para que essa Resolução se efetive em alguns Municípios, temos muitas variáveis a serem consideradas, dentre elas, o custo dos alunos, o salário do professor novamente posto em questão, o espaço disponível na escola, e, conseqüentemente, a contratação de novos profissionais.

Há de se considerar, ainda, que não é só isso. Alguns acreditam que se o professor tivesse uma valorização efetiva com melhores salários e com menos atribuições, trabalhando numa sala com no máximo 40 alunos, a situação já estaria resolvida. Mas não é bem assim; existe uma desordem interminável e não tem como entender o modo que se pode resolvê-la mexendo em apenas um dos lados dessa enorme equação.

Diante desses fatos, você deve ter imaginado que existe uma solução concreta e que esta resolverá todo esse caos. Seria ótimo ter essa solução, mas, em meio a tantas variáveis numa única equação, qualquer bom aluno e professor deve saber que existem infinitas soluções. Seria essa a solução que a prática diria, mas a realidade nos mostra que isso não se aplica ao caso.

“Boa parte da culpa está nas famílias, que é desestruturada”, dizem alguns professores da Escola pesquisada; a outra parte da culpa é da “desordem da escola, que tem regras chatas”, afirmam alguns alunos. A instituição por sua vez culpa o atual sistema que não oferece condições de agir, deixando-a à mercê dos alunos. Quanto aos professores, estes dão duas sugestões, constantemente: a primeira, que os alunos já não têm o mesmo interesse em querer aprender e acabam indo estudar sem um objetivo claro, o que gera diversos conflitos na sala de aula; a segunda, os baixos salários voltam a ser desculpas para tornar o trabalho inadequado, e, assim, fecha-se o ciclo e voltamos ao início de toda a problemática.

O maior questionamento dos professores com relação às dificuldades cognitivas dos alunos é que alguns deles nem conseguem escrever o próprio nome. Isso se agrava quando os professores percebem que é uma realidade contraditória para um país que tem como lema Pátria Educadora. Diante desse cenário de dificuldades cognitivas e disciplinares, os professores perguntam a todos que falam sobre pesquisa em educação: como ensinar alguém assim a respeitar seus professores e a valorizar a escola e dar importância à sua base curricular? Como ensinar alguns alunos que o caderno, a caneta, o lápis e o livro são mais importantes que o *player* multimídia que ele não tira do ouvido?

Dessa maneira, o que urge no momento é fazer que a sala de aula volte a ser um bom ambiente de trabalho, no qual se encontre dinamismo, vontade, respeito e aprendizagem efetiva. Para que isso ocorra, é necessário que haja regras claras e que a aplicação destas seja feita de forma igualitária para todos os envolvidos no processo. A escola, principalmente, não pode tratar de forma negligente aqueles que estão inseridos por igualdade de condições, não sendo conivente com um aluno ou funcionário quando ele quebrar alguma regra.

A escola se tornou hoje o principal meio de o jovem ter seus primeiros contatos com a democracia em sua totalidade; e, sendo assim, não pode trabalhar com hipocrisia em relação ao que ela mesma precisa ensinar. Dessa forma, é preciso existir regras no ambiente escolar, com o fim de que se coloque em ordem a convivência de todo corpo escolar, de maneira a deixar claro que para toda regra quebrada existem as penalidades previstas para serem estudadas e aplicadas. Assim, pode-se transformar o local de aprendizagem em um local respeitável e harmonioso.

Mesmo com os problemas como os relatados, muitos professores sentem prazer em dar aula, buscam propor algo inovador, procuram por uma nova ideia para que os alunos tenham uma reação desafiadora. São os alunos o verdadeiro motivo de o professor estar ali.

Muitos de nós ainda acordamos pela manhã cedinho todos os dias, outros só nos fins de semana, e preparamos atividades, imaginamos estratégias, lemos sobre métodos inovadores e até procuramos aplicá-los com nossos bons alunos – Jones Santos, professor de Matemática

102

No entanto, como a escola não se impõe diante do aluno, este se sente no direito de entrar na sala atrasado todo dia, sentar virado para o lado, conversar, agredir colegas, xingar o professor e os demais alunos. Em face disso, muitos professores já não dão conteúdos, apenas fazem brincadeiras e passam trabalho para casa, para que façam uma pesquisa (não precisa copiar, os alunos têm o costume de imprimir direto da internet) e apresentem na sala (na verdade, eles não apresentam, apenas leem ou tentam ler, o que parece ótimo, pois ele tentou, e, assim, está aprovado). Outros professores atuam de forma diferente: dão aulas conturbadas, passam provas, mas não as corrigem, nem as devolvem, e, ainda, atribuem notas de forma aleatória. Essas foram minhas percepções dentro da Escola.

A disciplina e indisciplina segundo pesquisadores em educação

Entendemos que a disciplina denota a forma de agir, através do respeito e obediência às normas de convivência da sociedade em que está inserido. Ela representa a maneira de agir do indivíduo, em sentido de cooperação, bem como de respeito e acatamento às normas de convívio de uma comunidade.

Para Nereci (1989, p. 25), a disciplina, “em sentido didático, representa a maneira de agir do educando, no sentido de cooperação no desenvolvimento das atividades escolares e respeito pelos colegas”. Ao se fazer um paralelo, percebemos que os pais estão deixando de cumprir sua função, os limites não estão sendo obedecidos; eles sequer foram criados por algumas famílias, e, dessa forma, os filhos vão para a Escola sem entender o que são regras, o que é obedecer às hierarquias, o que é não se apropriar de bens alheios. Da mesma forma que eles procedem em casa, procedem na Escola.

A família deixou de cumprir, pelo menos na convivência com alguns alunos da EMEB, a sua função civilizatória básica, ou seja, não está educando seus filhos para viver em sociedade fora de suas comunidades. Isso implica dizer que, se continuar assim, os valores morais estarão em fase de exclusão. Para Parrat-Dayan (2008),

O problema de indisciplina pode ser provocado por problemas psicológicos ou familiares, ou da construção escolar, ou das circunstâncias sócio-históricas, ou então, que a indisciplina é causada pelo professor, pela sua responsabilidade, pelo seu método pedagógico (PARRAT-DAYAN, 2008, p. 64).

Garcia (1999) já afirmava que “o conceito de indisciplina apresenta uma complexidade a ser considerada” (GARCIA, 1999, p. 102). De fato, alguns desses alunos obedecem às regras de sua comunidade: eles não apontam os traficantes, não são os X9 (delatores), isso quer dizer que existe uma sociedade cativa dentro das comunidades, com regras próprias, e estas são distintas da sociedade fora dali.

Contudo, essas regras e imposições de suas comunidades criam sequelas nessas crianças e adolescentes. Não é fácil ouvir de um aluno que ele viu seu pai apanhar até morrer, porque roubou a casa de um traficante que comandava a região. Por sua vez, o professor precisa manter a disciplina em sala de aula, e, para isso, usa de autoritarismo, achando que dessa forma consegue manter a ordem, mas, infelizmente, é afrontado pelo aluno que sabe bem seus direitos, e desconhece seus deveres. Sobre questão de autoridade, Luna (1991) enfatiza que

O professor com autoridade é aquele que deixa transparecer as razões pelas quais a exerce: não por prazer, não por capricho, nem mesmo por interesse pessoais, mas por um compromisso genuíno com o processo pedagógico, ou seja, com a construção de sujeitos que, conhecendo a realidade, disponha-se a modificá-la em consequência com um sujeito (LUNA, 1991, p. 69).

Fazer o que Luna (1991) propõe torna-se desgastante, quando o professor não se vê amparado por quem defende os alunos. Não é combater onde o aluno está, é transformar de onde ele veio. Os professores não são vilões. De acordo com Aquino (1996),

A indisciplina escolar não é um fenômeno estático; ao contrário, está relacionada a um conjunto de valores e expectativas que variam e mudam ao longo da história, nas mais diferentes culturas da sociedade. Além disso, pode ser observada em diversas classes sociais, instituições e até mesmo dentro de uma mesma camada social (AQUINO, 1996, p. 98).

Nessa perspectiva, entendemos que o ensino não funciona como a única obrigação do professor, ou seja, apenas de ensinar com autoridade na sala de aula. Deve existir uma relação interpessoal entre professor e aluno.

Hoje, vive-se numa sociedade em que crianças e jovens, em alguns casos, não têm limites, tampouco regras. Aquino (1998) já demonstrava preocupação com essas mudanças de comportamento familiar: “as crianças de hoje em dia não têm limites, não reconhecem a autoridade, não respeitam as

regras, a responsabilidade por isso é dos pais, que teriam se tornado muito permissivos” (AQUINO, 1998, p. 7).

Ainda segundo Aquino (2003, p. 8), “a indisciplina se trata de um fenômeno escolar que ultrapassa fronteiras socioculturais e também econômicas”, ou seja, a indisciplina realmente não existe somente atrás do meio sociocultural ou econômico, ela nasce também através da falta de afetividade, e da ausência de valores sociais e morais.

Considerações finais

Durante meu exercício acadêmico e profissional na EMEB Maria Iraci, percebi a inquietação dos professores com relação à indisciplina dos alunos, à impotência, à sensação de que tudo está perdido, que a sociedade não tem mais jeito, e que a Escola tampouco pode reverter esse quadro.

A violência que insiste em adentrar os muros da Escola e se personifica nos alunos, faz que o ambiente de trabalho torne-se insuportável. É um peso trabalhar. E isso se reflete nas relações dos professores com os alunos, e nas relações dos professores com seus colegas e com os gestores.

Ao tentar compreender o que estudiosos dizem sobre esse tema e quais os prejuízos que essa falta de disciplina, da desvirtualização da Escola na sua real função, que é educar e avançar no processo cognitivo, podem trazer para os próprios alunos, percebemos que uma mudança só será possível com políticas públicas que protejam a escola e os professores, que assegurem aos alunos a mobilidade social pela educação, e que garantam aos alunos um ambiente familiar com condições para se desenvolver dentro da moral e da ética.

A escola sozinha não será capaz de tratar todos esses problemas. Os professores estão adoecendo dentro desse contexto. Ou a Escola é tratada como ambiente com regras que devem ser respeitadas, e os professores como profissionais imprescindíveis para essa melhoria, ou continuaremos a viver o

fracasso que é a educação, em que o sucesso de um aluno é exceção, e não a regra.

Referências

ALAGOAS. Regulamenta a implantação do Ensino Fundamental de 09 anos no Sistema Estadual de Ensino de Alagoas e dá outras providências. **Diário Oficial do Estado**. Resolução n. 08, de 17 de abril de 2007. Alagoas, 2007.

_____. Estabelece o limite máximo de vagas por turmas na Educação Básica no Sistema Estadual de Ensino de Alagoas. **Diário Oficial do Estado**. Resolução n. 55, de 17 de dezembro de 2002. Alagoas, 2002.

AQUINO, Júlio Groppa. **Indisciplina na escola**: alternativas práticas e teóricas. São Paulo: Summus Editorial, 1996.

_____. A violência escolar e a crise da autoridade docente. **Cadernos Cedex**, v. 19, n. 47. Campinas, dezembro/1998.

_____. **Indisciplina**: o Contraponto das escolas democráticas. São Paulo: Moderna, 2003.

BRASIL. FNE. **Documento-Referência CONAE**. Brasília, FNE, 2010.

GARCIA, Joe. Indisciplina na Escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 95, p.101-108, jan/abr.1999.

GÓIS, Antonio. **Brasil**: Campeão de indisciplina. Disponível em: <http://www.todospelaeducacao.org.br/educacao-na-midia/indice/32919/campeao-de-indisciplina/> Acesso em: 02 mar. 2015

LUNA, Sérgio Vasconcellos de; DAVIS, Cláudia Leme Ferreira. A questão da autoridade na educação. **Caderno de pesquisa**, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, n. 76, p. 65-70, fev. 1991.

NERECI, Imideo. **Didática**: uma introdução. São Paulo: Atlas, 1989.

<http://www.maceio.al.gov.br/semad/saberes-docentes-em-acao/>

PARRAT-DAYAN, Silvia. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. São Paulo: Contexto, 2008.

UNESCO Office in Brasilia. **Avaliações do Terce**. Disponível em:
http://www.unesco.org/new/pt/brasil/pt/about-this-office/single-view/news/terce_study_by_unesco_student_performance_improves_in_latin_america_but_inequality_and_other_factors_continue_to_affect_learning/#.VjDPIpfRaag . Acesso em: 30 jul. 2015.